

Diálogos y contrapontos bioéticos: 18 prestigiosos bioeticistas de iberoamérica y Estados Unidos debatem sobre temas chave de la actualidad

Editor: Lynette Hoof

Leo Pessini*

Ser um dos participantes deste projeto editorial de Lynette Hoof intitulado “Diálogos y contrapontos bioéticos: 18 prestigiosos bioeticistas de iberoamérica y Estados Unidos debatem sobre temas clave de la actualidad” é, para mim, um privilégio e uma grande responsabilidade. Privilégio de um lado, por ser incluído entre um seleto grupo de bioeticistas na Ibero-América, e, por outro, uma enorme responsabilidade, por nos convidar a refletir e expor essas reflexões para a sociedade como um todo, sobre questões cruciais que a humanidade enfrenta e que dizem respeito ao seu próprio futuro no planeta Terra.

Quando fui convidado a responder uma série de perguntas a respeito de questões desde o início de vida até o momento final, buscando obter respostas de um grupo de bioeticistas de diferentes países da Ibero-América, não imaginava um resultado tão rico de conteúdo, com reflexões profundas dos mais diversos colaboradores sobre as mais diversas questões da bioética. Nessa perspectiva, esta publicação acaba se transformando em uma preciosa porta de entrada e iniciação para o mundo da bioética, para as novas gerações que estão entrando na área. Assumir esse desafio e concretizá-lo não é para muitos, mas somente para pessoas muito especiais, como é o caso da jovem Lynette Hoof, filha de um ilustre bioeticista Argentino, Pedro Federico Hoof, amigo querido de longa data, que ousadamente assume essa tarefa, que se constituiu numa verdadeira missão: ouvir atentamente o que a primeira geração de bioeticistas ibero-americanos têm a dizer, suas histórias de como ingressaram na área da bioética, seus questionamentos e aconselhamentos e que legado estão deixando para as novas gerações ingressantes no mundo da bioética. Essa publicação já vale somente por esse esforço! Um

dos principais requisitos para o exercício da bioética é o de ouvir respeitosamente o outro, respeitá-lo nas suas opções e diferenças. Nada disso será possível sem o cultivo da humildade, ausência de preconceito e com um bom preparo intelectual cognitivo.

Sempre necessitaremos da ajuda dos outros no âmbito da bioética. Sozinhos, corremos o risco de acreditar que estamos progredindo, mas na verdade estaremos desenvolvendo nossas tendências primitivas reducionistas e fundamentalistas. Nesse sentido, é bom ouvirmos e ressaltarmos o que diz na apresentação de seu livro Lynette, o nosso querido mestre James Drane, Diretor do Centro de Bioética da Universidade de Edinboro (Pensilvânia), EUA, um dos pioneiros da bioética mundial e um dos maiores conhecedores da bioética Ibero-americana. “Na bioética, como no âmbito da religião, o que se exige não é poder para impormos nossa perspectiva pessoal, mas humildade para entabular um diálogo com as distintas perspectivas. Os melhores bioeticistas não são aqueles que têm respostas corretas para os problemas de hoje, mas aqueles que respeitam e se comunicam com visões alternativas”.

Lendo e refletindo sobre as diferentes vozes dos mestres sobre as mais diversas questões de bioética dessa publicação, nos sentimos frente a uma verdadeira orquestra sinfônica com inúmeros componentes e instrumentos, sob a regência segura da maestra organizadora Lynette, num momento de performance que nos comove e nos encanta a todos. Nessa perspectiva, entendemos que a bioética é um processo de formação e de crescimento pessoal, excelente para o aprimoramento profissional, para a cidadania e para a realização humana. Ninguém “entra” na bioética e sai do mesmo jeito – sempre ocorrem transformações e melhorias,

* Pós-doutor pela Universidade de Edinboro – Instituto de Bioética James F. Drane, Pensilvânia, EUA. Doutor em Teologia/Bioética. Pós-graduado em Clinical Pastoral Education and Bioethics, St. Luke’s Medical Center. Docente do Programa *Stricto sensu* em Bioética (Mestrado, Doutorado e Pós-Doutorado) do Centro Universitário São Camilo-SP, Brasil. E-mail: pessini@saocamilo-sp.br

como profissional (em qualquer área do conhecimento), como cidadão (com ciência de direitos) e como pessoa.

Alguém já disse que “o século XXI ou será ético, ou simplesmente não existiremos”. E também que “o futuro da humanidade não dependerá tanto do progresso científico, mas sim do progresso ético”. O que determina que utilização de instrumentos de vida ou de morte são escolhas éticas embasadas na sabedoria dos valores humanos. Essa sim é a hora dramática do resgate no substrato mais profundo de nossa humanidade dos valores éticos fundamentais que tornam possível a vida, a convivência respeitosa e harmoniosa, com o diferente de nós (“estranhos morais”) e que deseja construir um futuro de esperança para todos. A bioética, nesse cenário, constitui-se como um grande lance de esperança para a humanidade. Temos que falar mais de esperança e militarmos nessa trilha do que nos encolhermos temendo as desgraças, cultivando o pessimismo em relação ao amanhã de nossa civilização.

Nesse início de século XXI, vivemos um momento histórico marcado por extraordinárias descobertas científicas nos âmbitos das ciências da vida e da saúde. Essa nova realidade transforma-se num teste diuturno de nossas certezas filosóficas, éticas, morais e teológicas, bem como de nosso agir profissional no âmbito da saúde. O ritmo dos avanços tecnocientíficos é muito mais rápido do que a reflexão ética e isso faz crescer em nós a inquietude e angústia da busca por seguranças vitais.

É bem verdade que ainda lutamos por coisas muito básicas em termos de vida digna e saudável no hemisfério sul do planeta e, especialmente, em nossas terras brasileiras. Há de se superar a desigualdade e a exclusão, que marginalizam milhões de seres humanos nos porões da subserviência humana da simples sobrevivência sofrida. As conquistas das tecnociências devem estar a serviço da vida e dos mais vulneráveis da sociedade e não simplesmente a serviço de alguns privilegiados. Tal contexto já sinaliza uma agenda de questões de reflexão ética em termos “macro”.

Nessa sociedade denominada “do conhecimento”, da rapidez da comunicação “*online*”, muitas coisas se tornam obsoletas do dia para a noite, e certezas éticas

seculares estão sendo chacoalhadas por inimagináveis possibilidades do “novo”. Raro não é o dia em que somos surpreendidos, seja na TV, seja no rádio, seja nos jornais, por novidades que envolvem nossa vida no planeta Terra! O que deveria permanecer e nunca mudar? O que deveria e seria saudável alterar? Trata-se de uma questão difícil, que exige muito aprendizado em termos de diálogo, de espírito de tolerância e de respeito pelo diferente. Teremos de, forçosamente, chegar a alguns consensos mínimos em relação a questões essenciais de proteção da vida humana e do futuro da vida no planeta. Necessitamos, enfim, de sabedoria ética!

A bioética surge e torna-se, nesse cenário, um dos principais sinais de esperança para a humanidade. Todos nós, em algum momento de nossas vidas, inevitavelmente, já tivemos algum encontro ou alguma experiência ligada com questões de bioética: seja no âmbito de cuidados de saúde (tratamentos, pesquisas e transplantes), seja em termos de opções em relação à constituição de nossas famílias (geração de novas vidas), seja, mesmo, no âmbito dos cuidados profissionais.

Se ontem, devido ao fato do “não-conhecimento”, muitos dos processos de vida e da natureza humana eram verdadeiros mistérios e explicados como “obras do acaso”, ou, então, dentro de uma visão de fé, como obra “de um todo-poderoso ser transcendente”, o ser humano, hoje, começa a deter um conhecimento que deseja mudar e transformar tudo. Cresceu muito a sua responsabilidade humana. Se antes ele era praticamente passivo e impotente, hoje tem em suas mãos um conhecimento que é poder de transformação. Claro que a esse conhecimento e novos poderes ganhos temos o grande desafio de aliar sabedoria ética, que deve ser como uma bússola a orientar a busca da humanidade por uma vida melhor, mais saudável, mais feliz, ao singrar mares novos do conhecimento nunca antes navegados, correndo sérios riscos de perder-se ou naufragar.

É nesse contexto de “luzes e sombras”, inquietações e esperanças, que surge a bioética, como um componente vital de resgate da dignidade do ser humano e proteção da vida cósmico-ecológica. Como lembramos anteriormente: ou o século XXI será marcado pela ética ou então corremos o risco de não existir! Não devemos temer o

avanço do conhecimento, e sim a ignorância e o obscurantismo. Esses últimos, sim, são os verdadeiros inimigos do processo de construção histórica de uma humanidade mais saudável e feliz. É desejável, no entanto, que o conhecimento seja obtido de maneira eticamente adequada e aplicado também de modo eticamente apropriado, com o devido respeito à dignidade do ser humano. Isto é o que se chama de sabedoria bioética, ou seja, o conhecimento de como usar o conhecimento para o bem pessoal e social das presentes e futuras gerações, como nos ensina um dos “pais” da bioética, Van Rensselaer Potter.

Obrigado Lynette por nos ter apresentado com essas preciosas reflexões bioéticas multidisciplinares que nos desinstalam e nos provocam a não ficarmos passivos e indiferentes frente a realidades em que a vida do ser humano e nossa casa comum, o planeta, correm risco, mas em sermos comprometidos com o seu cuidado e proteção. O segredo dessa postura e comportamento somente é possível se cultivarmos a bioética, sendo profundamente éticos. A sua ousadia e “teimosia” em concretizar esse projeto editorial, Lynette, nos ajuda a viver e caminhar com mais alegria e esperança, como certamente foi a gravidez e nascimento de sua filhinha Sofia Bernardita! Parabéns e obrigado.